

# O PROCESSO DE EPÊNTESE VOCÁLICA NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE RECIFE/PE: POR UM PROJETO DE INTERVENÇÃO<sup>1</sup>

ANDRÉA MARIA DE FRANÇA<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, apresentaremos os resultados da pesquisa realizada sobre o fenômeno da *Epêntese Vocálica*, que é uma variação típica da linguagem oral e geralmente representada na escrita durante a fase da aquisição, em escritas de alunos do ensino fundamental II, como podemos observar nas palavras *ritimo ~ ritmo; pineu ~ pneu; adivogado ~ advogado* que caracterizam este fenômeno, além de propor atividades para sala de aula entorno do fenômeno. Esta pesquisa visa investigar, a partir de textos escritos em contexto de sala de aula, a influência das variantes extralinguísticas sobre a variação linguística no fenômeno fonético-fonológico em decorrência da Epêntese Vocálica e a relação da Fala na Escrita neste fenômeno. Para isto, adotamos uma análise quantitativa, com base nos estudos Sociolinguísticos Laboviano [LABOV, 1972[2008]], e de metodologia indutiva dos dados retirados da pesquisa de campo, realizada por meio de dois ditados de palavras, constituída de 15 palavras previamente selecionadas. O *corpus* foi montado através da produção de alunos do 6º ao 9º ano da Escola Estadual Cônego Rochael de Medeiros, na cidade de Recife-PE. Os resultados obtidos, neste estudo, revelaram que há a ocorrência do fenômeno epentético em todos os anos pesquisados, porém com o passar dos anos esse índice diminui.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Fonologia. Epêntese Vocálica. Escrita Escolar. Português.

**Resumen:** En este trabajo, presentaremos los resultados de la investigación realizada sobre el fenómeno de la *Epéntesis Vocálica*, que es una variación típica del lenguaje oral y generalmente representada en la escritura durante la fase de la adquisición, en escrituras de alumnos de la enseñanza fundamental II, como podemos observar en las palabras *ritimo ~ ritmo; pineu ~ pneu; adivogado ~ abvogado*, que caracterizan este fenómeno, además de proponer actividades para el aula alrededor del fenómeno. Esta investigación pretende investigar, a partir de textos escritos en contexto de aula, la influencia de las variantes extralinguísticas sobre la variación lingüística en el fenómeno fonético-fonológico en consecuencia de la Epéntesis Vocálica y la relación de la Habla en la Escritura en este fenómeno. Para ello, adoptamos un análisis cuantitativo, con base en los estudios Sociolingüísticos Laboviano [LABOV, 1972 [2008]], y de metodología inductiva de los datos retirados de la investigación de campo, realizada por medio de dos dictados de palabras, constituída de 15 palabras previamente seleccionadas. El *corpus* fue montado a través de la producción de alumnos del 6º al 9º año de la Escuela Estatal Cônego Rochael de Medeiros, en la ciudad de Recife-PE. Los resultados obtenidos, en este estudio, revelaron que hay la ocurrencia del fenómeno epentético en todos los años investigados, pero con el paso de los años ese índice disminuye.

**Palavras clave:** Sociolingüística. Fonología. Epítesis Vocálica. Escritura Escolar. Português.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção de título de graduação no curso de Licenciatura em Letras - Português / Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. André Pedro da Silva (DL/UFRPE) ([pedroufpb@gmail.com](mailto:pedroufpb@gmail.com)).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português-espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. ([andreafranca.pe@hotmail.com](mailto:andreafranca.pe@hotmail.com)).

## 1. INTRODUÇÃO

Nas línguas, e em nosso caso o Português Brasileiro (PB), observamos diversos fenômenos linguísticos e estes, em geral, são encontrados na linguagem oral. Isto se dá devido ao fato de a língua ser um mecanismo de constantes mudanças e de formas muitas vezes imperceptíveis. Tais fenômenos ocorrem a níveis gramaticais de uma língua, seja na fonologia, na morfologia e/ou na sintaxe. Já a linguagem escrita, quando comparada com a linguagem oral, traduz em uma modalidade que demanda um maior conhecimento por parte do aluno. Para a linguagem escrita o usuário deverá, primordialmente, dominar as formas escritas convencionadas para representar as palavras da língua que estiverem sendo usadas.

No início da escolarização é comum que o aluno se embase na relação fala-escrita e, geralmente, tende a escrever como ele ou as pessoas de seu convívio falam. No entanto, a escrita como transcrição fonética não é real considerando que existe uma normatização ortográfica e a arbitrariedade presente na representação gráfica das palavras (Cf. BRITO, 2007, p. 4). Não podemos também deixar de falar das variantes que estão associadas tanto a valores linguísticos, quanto a valores extralinguísticos, como é o caso da localização geográfica, da escolaridade ou da idade.

Por interferência dessa oralidade, os alunos, quando chegam ao processo de aquisição acabam por grafar algumas palavras inadequadamente, ocorrendo assim os chamados desvios da norma padrão. Por isso, é necessário considerar que ao se deparar com este novo conhecimento, o aluno, necessita compreender a estrutura própria deste sistema. E para isto,

“A análise a ser feita pela pessoa é bem sutil: ela deve ter consciência dos pedacinhos que compõem a corrente da fala (...). Quem vai aprender a escrever deve saber isolar, na corrente da fala, as unidades que são palavras, pois essas unidades é que deverão ser escritas entre dois espaços brancos”. (LEMLE, 2009, p. 9-10)

A partir de estudos realizados pelo grupo Fala e Escrita (REFALES), da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com orientação do coordenador Prof. Dr. André Pedro da Silva, surgiu a oportunidade de atuar no Projeto de Iniciação Científica e com isso trabalharmos o fenômeno da Epêntese Vocálica, que é um fenômeno pouco trabalhado em nosso estado. Embora, em outras localidades, ainda se trabalhe entorno dos conhecimentos referentes ao fenômeno epentético, grande parte desses trabalhos

possuem literaturas que abordam o fenômeno entorno das produções na oralidade. A nossa pesquisa poderá contribuir com o trabalho dos professores dessa etapa do ensino fundamental, permitindo-lhes posicionar-se de forma segura frente à realidade linguística do aluno e no que diz respeito à avaliação de processos pelos quais o aluno ainda poderá estar passando ao utilizar o código escrito.

O nosso trabalho discute o processo de aprendizagem da escrita de alunos a partir de sua oralidade e de seu contexto escolar e de aprendizagem, tomando por base a relação escrita *versus* oralidade. Nosso foco é, particularmente, sobre a Epêntese Vocálica, como antes já mencionado. Este fenômeno tem por objetivo principal corrigir uma estrutura silábica mal formada, fazendo com que certas consoantes que ocupavam a posição de *coda* passem-na para a posição de *onset*, dando um núcleo vocálico a uma sílaba que não o tem ou formando ditongos (CAGLIARI, 1998, p. 75), como em ritmo ~ ritmo, pineu ~ pneu, advogado ~ advogado. Esse fenômeno não possui representatividade na escrita, o que acarreta na produção de *letras mudas*. Entretanto, como o Português é uma língua com padrão vocálico para as sílabas, não é permitida a construção de sílabas consonantais havendo por isso a necessidade da inserção da vogal epentética. Como se pode ver,

A epêntese vocálica pode ser definida como um fenômeno de acréscimo/inserção de uma vogal ou de uma consoante em uma sílaba, não representada na escrita. Podendo ser classificada em consonantal e/ou vocálica a partir dos segmentos inseridos nas palavras (MENDONÇA, 2003, p. 32; REDMER, 2007, p. 14).

Para a Sociolinguística, algumas variações que arremetem a fala, podem ser levadas para a escrita e toleradas por algum tempo, como parte da aquisição da linguagem escrita. Esses estudos nos ajudam a explicar as variações linguísticas como constitutivas naturais à língua e não como acontecimentos paralelos a ela. No ensino da língua Padrão, os alunos com o avançar dos anos passam a possuir um maior domínio, mas, ainda se faz necessário levar em consideração a existência das variantes linguísticas e extralinguísticas e seu entendimento para desenvolver ações pedagógicas facilitando a relação de ensino aprendizagem.

Levamos em consideração, ao fim desta pesquisa que, em alguns casos, a ocorrência da epêntese vocálica é tão frequente para algumas palavras que, como foi afirmado por alguns autores, essa ocorrência chega a ser considerada comum a fala. Isto

faz com que este alto índice de incidência gere dúvidas quanto ao uso ou não da vogal epentética na modalidade escrita.

## **2. OBJETIVOS**

### **Geral**

- Investigar a ocorrência do fenômeno da Epêntese Vocálica na escrita de alunos do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º, da Escola Estadual Cônego Rochael de Medeiros em Recife-PE;

### **Específicos**

- Relacionar a ocorrência da epêntese vocálica com os fatores extralinguísticos (escolaridade e familiaridade com as palavras selecionadas) e com os fatores linguísticos (a ocorrência da epêntese na escrita);
- Discutir sobre como se dá a aprendizagem da escrita de alunos do ensino fundamental II a partir do seu conhecimento cotidiano entorno da oralidade;
- Promover um projeto de intervenção entorno da epêntese vocálica e no que diz respeito à escrita e os fatores influenciadores deste fenômeno epentético.

## **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para fundamentarmos este trabalho, apresentaremos as considerações levantadas em torno de teorias como: a teoria sociolinguística, que surgiu como uma área capaz de estudar a linguagem em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística (CEZARIO & VOTRE, 2008, p. 141); a teoria da sílaba, que, de acordo com Bisol (1999), é o domínio mais propício a sofrer regras ou processos fonológicos, sendo interessante entendermos como se dá o processo de formação da sílaba no PB.

Destacam-se, também, as importantes contribuições das pesquisas de Mollica (1998, 2003) com análise de formas variantes da fala e sua possível influência na escrita de alunos da educação básica. E com isso, compreender as formações epentéticas em contextos de sala de aula na linguagem escrita de alunos do 6º ao 9º ano de uma escola pública do Recife.

O processo fonológico conhecido como Epêntese Vocálica é caracterizado pela inserção de um segmento, em geral um [i] (átono e breve), em

determinadas sílabas do português (CAGLIARI, 1981). A vogal em questão é geralmente inserida “entre uma oclusiva, uma nasal bilabial ou uma fricativa alveolar surda por um lado, e uma outra consoante por outro lado (CAGLIARI, 1981, p. 107).

Passemos, então, às teorias acima apontadas para melhor entendimento do fenômeno a ser tratado nesta pesquisa.

### **3.1. Teoria Sociolinguística**

Por volta da década de sessenta, surgiu a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, embasada nas propostas de Labov, que tinha por objetivo descrever a língua, relacionada aos determinantes sociais e linguísticos, considerando as variações de seus usos (Cf. HORA, 2004, p. 17-18).

Essa teoria enfatiza a variabilidade, uma busca pela explicação das mudanças linguísticas em função de fatores linguísticos e sociais a partir do registro da língua, descrição das variáveis, perfil das variantes, análise dos fatores condicionantes, encaixamento da variável nos sistemas linguístico e social, e, avaliação da variável para confirmação dos casos de variação ou mudança.

A partir da concepção de variação como pertencente ao sistema linguístico, há uma mudança de perspectiva do que deveria ser considerado como “erro”, no contexto linguístico, não existindo mais tal conceito, do ponto de vista exclusivamente científico. O que pode haver, então, são variações, que não podem ser consideradas um “acidente de percurso”, mas sim constitutivas da natureza da língua (Cf. BAGNO, 2002, p. 71-72).

Segundo Mollica (2003, p. 10), a sociolinguística estuda a língua em uso nas comunidades de fala, voltando atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipitadamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Os estudos advindos da corrente sociolinguística contribuem para melhorar a qualidade do ensino da Língua Portuguesa, já que trabalham sobre a realidade linguística da língua, levando em conta além dos fatores interno (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica), como também os fatores de ordem externa (etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura). Exemplos de

variação linguística e extralinguística que identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões; multiplicam-se em uma mesma comunidade de fala e são determinantes ao exercerem uma forte influência no comportamento linguístico dos indivíduos. Isso significa dizer que não existem variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem diferentes variedades linguísticas (padrão e não padrão), geralmente associadas a diferentes valores sociais (PCN, 1998).

### 3.2. Um breve falar sobre a Sílabas

A sílaba é uma unidade linguística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado. Todo constituinte pressupõe um cabeça e um ou mais dominados Bisol (2005, p. 243).

Com isso, a estrutura da sílaba se divide em três partes: Uma parte nuclear que é obrigatória e geralmente é preenchida por um segmento vocálico (pode ser que um segmento consonantal nasal, líquida (l ou r ou ainda um [s] ocorra nesta posição em determinadas línguas). Isto é, ela tem um cabeça que, em português, é sempre uma vogal, o elemento de maior sonoridade, e tem seus dominados, as consoantes ou glides que a cercam.

As outras duas partes na estrutura silábica são periféricas, opcionais e são preenchidas por segmentos consonantais. Quando estes segmentos consonantais ocorrem eles podem apresentar uma ou mais consoantes. Se a sílaba apresentar apenas o segmento vocálico, este preencherá todas as partes da estrutura da sílaba (SILVA, 2003).

Chomsky & Halle (1968), com a proposta denominada de *The Sound Patterns of English* (SPE), defenderam que uma representação fonológica seja simplesmente uma sequência de feixe de traços não-ordenados, apresentada com um conjunto de símbolos de fronteira que reflitam a composição morfológica das palavras, e um sistema de colchetes rotulados representando a organização sintática dessas palavras.

$$/t/ \rightarrow \begin{cases} [t\text{̥}] / \_ / i / \\ [t] / \_ \text{nda (nos demais ambientes)} \end{cases}$$

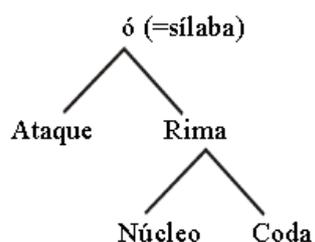
Hoje, com o passar dos anos e com os estudos que vêm sendo desenvolvidos, sabe-se que fazer fonologia sem sílaba é um erro, já que com o surgimento da estrutura

hierárquica, envolvendo não só a estrutura silábica, mas também a estrutura prosódica mais alta, e a desconstrução do segmento em termos de uma hierarquia das camadas de traços. Assim, a proposta do SPE foi substituída por uma visão sobre as representações que favoreceram uma estrutura mais elaborada.

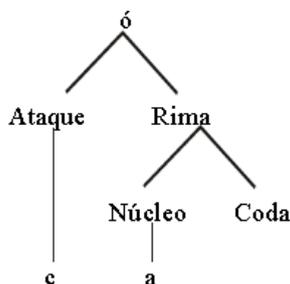
Interessante observar que o falante nativo, em geral, sabe algo sobre a estrutura silábica das palavras em sua língua, ou seja, eles podem identificar quantas sílabas constituem uma determinada palavra e até sabem onde cada uma delas começa e onde termina. Ao identificar o número de sílabas, o falante está demonstrando seu conhecimento acerca da arquitetura envolvida na sua realização.

De um ponto de vista fonético, cada sílaba tem um pico de sonoridade, isto é, um segmento que é mais sonoro do que outro. Logo, a sonoridade é uma propriedade relativa. Em termos auditivos, o pico de sonoridade é mais proeminente do que os segmentos vizinhos, e forma o elemento silábico. No caso do Português, como já comentado antes, as vogais são inerentemente mais sonoras do que as consoantes e só elas constituem o pico silábico.

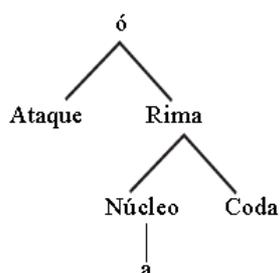
Aqui será adotada a proposta de Selkirk (1982), segundo a qual, a sílaba pode ter os seguintes constituintes: há uma divisão principal da sílaba em ataque e rima; e a rima, por sua vez, se divide em núcleo e coda, conforme o diagrama que segue:



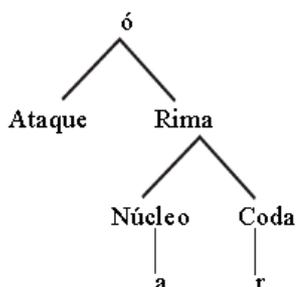
É óbvio que nem todas as sílabas do Português preenchem todas as posições. Há aquelas do tipo CV, como em 'cá', em que apenas o ataque e o núcleo são preenchidos, a exemplo do que apresenta o diagrama:



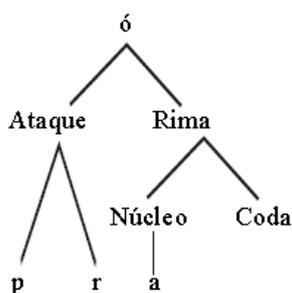
Há algumas em que apenas o núcleo é preenchido, a exemplo de ‘a’:



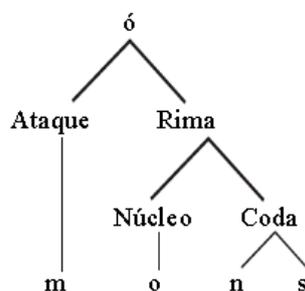
E ainda outras em que apenas o núcleo e a coda são preenchidas, como em ‘ar’:



Comum a todas elas é o fato de o núcleo ser sempre preenchido por uma vogal, como já foi mencionado anteriormente. Além disso, o Português apresenta também possibilidades de o ataque e a coda serem complexos/ramificados, como em ‘pra’, em que o ataque é constituído por ‘p’ e ‘r’, como por exemplo:



E também tem a coda complexa, como ‘mons’ da palavra ‘mons.tro’, em que ‘n’ e ‘s’ ocupam tal posição:



Com o intuito de melhor entender certos processos que acontecem na sílaba, em especial o da Epêntese Vocálica, abordaremos a seguir alguns pontos importantes que facilitarão a nossa posterior explanação sobre o fenômeno.

### 3.2.1. Processo de Silabificação no Português Brasileiro

Os elementos estruturais que compõem a sílaba se organizam hierarquicamente e expressam regras e princípios exigidos para sua formação, fato que faz com que a sílaba seja entendida como uma unidade linguisticamente significativa.

Câmara Jr. (2007, p. 58) afirma que a língua portuguesa, como praticamente todas as línguas, apresenta as vogais como centro silábico, pois elas são os elementos da sílaba que possuem uma maior sonoridade.

Um dos problemas para a fixação das estruturas silábicas portuguesas se refere aos vocábulos de origem *erudita*, como *compacto*, *apto*, *ritmo*, *afta*. Para essas palavras, admite-se uma vogal para a formação de uma nova sílaba no PB ou essa posição pode permanecer neutra, como é o caso do Português de Portugal (doravante PP).

Bisol (1999) retoma Selkirk (1982), ao revelar que a estruturação das sílabas se dá pelo encontro de um ataque (A) e de uma rima (R), essa constituída por um núcleo (Nu) e por uma *coda* (Cd). Sendo o núcleo o mais importante enquanto o ataque e a *coda* se configuram como opcionais. Ainda segundo Bisol, não podemos esquecer de que:

- a) A sílaba do PB possui estrutura binária, ou seja, é representada pelos constituintes ataque e rima, sendo apenas a rima o constituinte obrigatório;
- b) A rima por sua vez também possui estrutura binária, pois pode ser constituída por um núcleo e uma *coda* ou apenas pelo núcleo. O núcleo será sempre uma vogal e a *coda* poderá ser preenchida por, no máximo, dois segmentos, que podem ser as consoantes /r, l, N/ ou pelo /S/.

Na Língua Portuguesa, com exceção de /S/, todos os outros segmentos têm sonoridade espontânea, ou seja, são soantes, o que leva a concluir que os obstruintes, aqueles que não têm sonoridade espontânea por terem uma contraparte não vozeada, são extremamente raros nesta posição.

### 3.2.2. O Molde Silábico do Português Brasileiro

É uma forma possível de organização dos elementos que compõem as sílabas. Cada língua possui o seu molde silábico, mas respeitando a estrutura do seu sistema linguístico. A estrutura mínima de construção do molde silábico do PB é V e a máxima é CCVVC. Isso se deve à regra de que, com exceção do núcleo, todos os outros elementos que constituem a sílaba são opcionais, ou seja, todas as outras posições de uma sílaba podem ser vazias, menos a do núcleo.

Em seu estudo sobre a sílaba na Língua Portuguesa, Collischonn (2002) apresenta um molde silábico que determina o número máximo e o número mínimo de elementos permitidos, variando de um a cinco segmentos.

Os padrões silábicos são preenchidos por vogais (V) e consoantes (C). A seguir, serão apresentados os padrões silábicos, com base em Collischonn (2002), com algumas alterações, a partir do trabalho de Lima (2008), para melhor entendimento:

|       |                                    |                                    |
|-------|------------------------------------|------------------------------------|
| V     | <b>a - sa</b>                      | Núcleo                             |
| VV    | <b>eu - ro - pa</b>                | Núcleo e Coda                      |
| VC    | <b>ar - pa</b>                     | Núcleo e Coda                      |
| VCC   | <b>ins - pi - rar<sup>10</sup></b> | Núcleo, Coda e /S/                 |
| CV    | <b>ca - bo</b>                     | Ataque e Núcleo                    |
| CVC   | <b>par - te</b>                    | Ataque, Núcleo e Coda              |
| CVCC  | <b>mons - tro</b>                  | Ataque, Núcleo e Coda e /S/        |
| CCV   | <b>bra - vo</b>                    | Ataque Complexo e Núcleo           |
| CCVC  | <b>in - glês</b>                   | Ataque Complexo, Núcleo e Coda     |
| CCVCC | <b>trans - tor - no</b>            | Ataque Complexo, Núcleo e Coda /S/ |
| CVV   | <b>lei - to</b>                    | Ataque, Núcleo e Coda              |
| CCVV  | <b>de - grau</b>                   | Ataque Complexo, Núcleo e Coda     |
| CCVVC | <b>claus - tro - fo - bia</b>      | Ataque Complexo, Núcleo e Coda /S/ |

Fonte: Collischonn (2002), reestruturado a partir de Lima (2008)

Para a Língua Portuguesa, como já afirmamos anteriormente, o que existe de comum a todos os padrões é a presença do elemento V, que constitui o núcleo da sílaba. A sua esquerda, o ataque silábico, tem-se o preenchimento por até duas consoantes.

### 3.2.3. Ressilabificação no Português Brasileiro

Palavras incorporadas à Língua Portuguesa através de empréstimos, quando apresentam uma consoante na *coda* que não tenha uma boa colocação na rerssilabificação, acaba por, desenvolver uma vogal, e o segmento que era *coda* torna-se ataque, como “*club*” ~ “*clube*”, ou muitas vezes sofrendo processo de apagamento da consoante “*carnet*” ~ “*carnê*”.

Como vimos, não só na língua portuguesa, mas na maioria das línguas o núcleo silábico necessita, primordialmente, de uma vogal para sua composição. Uma sílaba requer que a posição da vogal seja preenchida, o preenchimento das posições consonantais é opcional. Então, qualquer vogal tônica ou átona do PB pode ocupar tal posição.

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho investigou a ocorrência gráfica da Epêntese Vocálica na escrita de estudantes do Ensino Fundamental II. Composta por alunos devidamente matriculados, do 6º ao 9º ano com faixa etária entre 10 e 17 anos, cada turma com 40 alunos da Escola Cônego Rochael de Medeiros, Rua Mário Melo em Recife.

A referida escola é uma instituição pública de ensino regular e abrange turmas do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano. Atualmente, possui aproximadamente 700 alunos, com horário de funcionamento nos turnos matutino e vespertino de segunda a sexta-feira.

Para a efetivação deste estudo foi realizado inicialmente uma pesquisa bibliográfica sobre a o fenômeno epentético, com ênfase na sua manifestação vocálica e em uma visão panorâmica dos estudos atuais sobre ele, assim como a respeito da Teoria Sociolinguística e a Teoria da Sílabas com o intuito de subsidiar teoricamente esta pesquisa.

Como o procedimento metodológico guiou-se por uma concepção sociolinguística, mesmo estando em uma situação de linguagem que exigia certo monitoramento da fala. A coleta dos dados foi realizada por meio de um ditado de palavras e um ditado de frases, constituído por palavras previamente selecionadas, com o intuito de verificar a ocorrência ou não do fenômeno analisado.

Testamos o momento de atenção, presente no ditado de palavras; e o momento de espontaneidade, presente na produção do ditado de frases, pois o aluno não estava preocupado com a palavra pesquisada e sim voltado para o conteúdo das palavras. Assim foi possível estabelecer comparações entre o momento de cuidado e o momento espontâneo.

Palavras aplicadas no ditado foram: *ritmo, pneu, apto, psicólogo, opção, rapto, obteve, objeto, captou, compacta, técnica, advogado, obturar, subtrair, intelectual.*

Para uma maior imparcialidade não foram considerados, nesta análise, casos como *subtenente, submarino, subdiretora, subdivisão, suboficial, subconsciente, subterrâneo*, porque, existe a suspeita de que o prefixo atue como palavra fonológica independente e, nesse caso, a consoante perdida /b/ estaria em final de palavra.

A idade dos informantes gira entre 10 e 17 anos e no geral em cada turma a média de idade é a mesma entre eles. Mas vale lembrar de que cada aluno chega à escola já com suas práticas orais pré-estabelecidas, isso através de seu conhecimento de mundo, seu cotidiano e pelo convívio com a família e amigos. Desta forma, fazem uso destes conhecimentos para suas experiências orais.

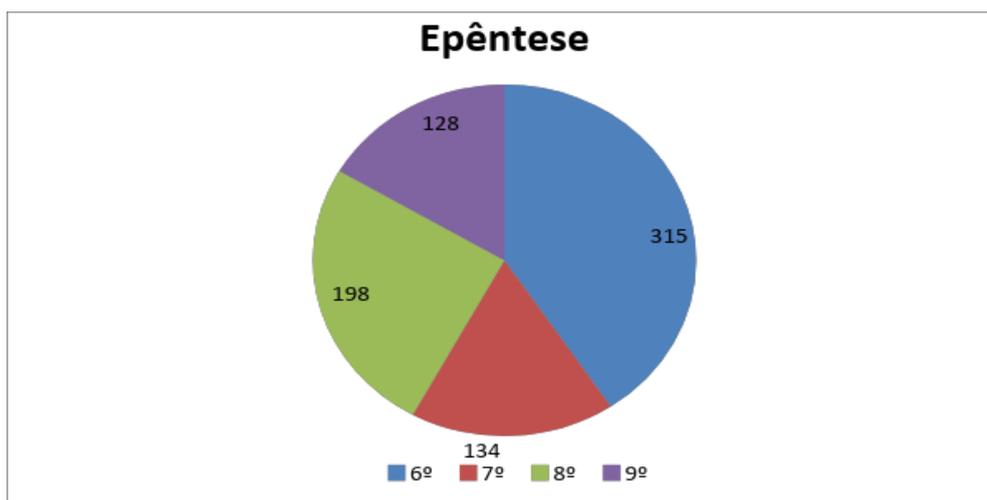
Consideramos como variável linguística a presença da representação gráfica da epêntese vocálica no fator ***Tipo de Ditado***. E para as variáveis extralinguísticas, consideramos apenas o fator ***Escolaridade***. Isto porque os demais fatores, tanto linguísticos (tipo de sílaba e tamanho de palavra), quanto extralinguísticos (idade e sexo) não apresentaram maiores interferências nos resultados esperados, sendo assim descartados.

## 5. RESULTADO E DISCUSSÃO

De posse, então, apenas dos dados considerados válidos para esta pesquisa, realizamos primeiramente uma análise quantitativa das variações, considerando as categorias de análise, tanto linguística como extralinguísticas e, em seguida, uma análise indutiva a partir dos tipos de variações ortográficas, buscando interpretar as relações que se estabelecem entre o conhecimento fonético e fonológico da criança com o novo sistema que está a adquirir.

Observemos a seguir o gráfico geral das variações detectadas em todos os anos escolares, bem como, às ocorrências de padrão. Após este primeiro gráfico, seguiremos com as análises referentes às variáveis linguísticas e extralinguísticas.

## Gráfico 1 – Processo Variacionista de Epêntese Vocálica



Fonte: *Corpus* desta pesquisa, 2017.

Como se pode ver, em todos os anos escolares o processo de Epêntese Vocálica se fez presente. Seguindo com as análises, partiremos para a variável escolaridade, a qual nos trará uma grande contribuição para esta pesquisa.

Os dados foram notificados e serão demonstrados através de tabelas e gráficos a fim de facilitar a visualização e compreensão dos resultados encontrados.

### 5.1. Fatores Sociais

Quanto a estes fatores, levaremos em consideração apenas o fator *anos de escolaridade* dos indivíduos em contexto escolar. Isto porque o fator *idade* e *sexo* foi descartado por não apresentar dados relevantes para a pesquisa. Passemos então com o fator Escolaridade, que sempre aparece como sendo um dos mais importantes nos estudos variacionistas.

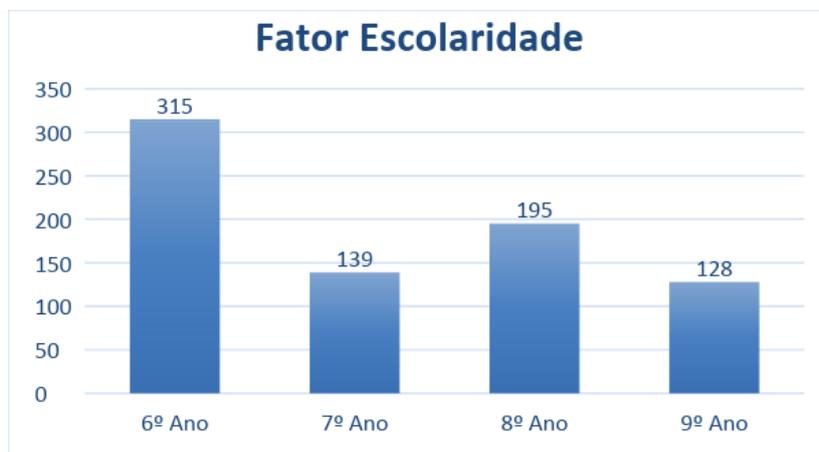
#### 5.1.1. Anos de Escolaridade

A escolarização é a mola propulsora do destravar das nossas grades cognitivas, libertando nosso potencial linguístico já predisposto ao surgimento. A aprendizagem da escrita é, portanto, processual. No início da escolarização, a criança embasa-se na relação fala/escrita e tende a escrever como fala, já que aprende que nosso sistema é alfabético e que escrevemos uma letra para cada som falado.

No entanto, essa escrita como transcrição fonética não é real e deve-se considerar a existência de uma normatização ortográfica e a arbitrariedade presente na

representação gráfica das palavras. Observemos como se manifestaram as escolhas entre variação e norma padrão na nossa pesquisa, de acordo com a escolaridade dos informantes aqui coletados.

### Gráfico 2 – Variável Escolaridade no Processo de Epêntese Vocálica



Fonte: *Corpus* desta pesquisa, 2017.

Como se pôde observar no gráfico acima, houve uma diminuição na ocorrência da epêntese vocálica a medida em que se dava o aumento do ano de escolaridade. Confirmamos assim a nossa hipótese de que a ocorrência do fenômeno variacionista de Epêntese Vocálica diminui com o avançar da escolaridade dos alunos.

Como se pode ver no gráfico acima, os informantes do 6º ano produziram um total de 315 ocorrências; os do 7º, 139 ocorrências; já os do 8º 195; e os informantes do 9º ano, produziram um total de 128 ocorrências. Desta forma, fica claro que houve, de fato, uma redução na regra da epêntese com o aumento da escolaridade dos informantes.

Mas uma coisa deve ser levada em consideração: o fato de o 8º ano ter tido maior realização de epêntese do que o 7º ano. Acreditamos que isto tenha acontecido, devido ao processo de retroalimentação da escrita, na medida em que contribui para reconfigurar estruturas fonológicas, produzindo algum controle sobre a realização de variantes fonéticas.

Tal processo já fora observado com este mesmo fenômeno, e também em relação à escolaridade, por Collischonn (2003, p. 22) e também confirmada e comentada por Schwindt et al (2007, p. 7) em seu estudo sobre a influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis. De acordo com estes autores, este seria efeito de um processo de retroalimentadores da escrita.

Um outro fator relevante para este resultado é que a turma do 8º ano, em que se coletou os dados, é formada por alunos já repetentes e, por isso, estavam numa turma bem afastada da turma ótima, nomeada como Turma A. Esta era nomeada como Turma C<sup>3</sup>. Já a turma do 7º Ano era nomeada como Turma A, ou seja, aqueles alunos que nunca haviam sofrido reprovações e que estavam dentro na “classificação” de bons alunos.

A grande importância dessa variável é o fato de que poderemos acompanhar a evolução do aluno durante todo o processo de aquisição da linguagem escrita e, a partir disso, traçar um perfil dessa aquisição. E como se viu, a escolaridade é fundamental para se diminuir e/ou sanar tal processo variável.

Passemos agora às análises dos Fatores Linguísticos, no qual chamaremos a atenção para o Tipo de Ditado e as Palavras em que foram mais recorrentes ao fenômeno em análise.

## **5.2. Fatores Linguísticos**

Partimos neste momento para a análise das variáveis linguísticas, ou seja, os contextos mais propícios para a aplicação do fenômeno aqui estudado. Estes fatores são de fundamental importância para se entender como se dá a variação na estrutura da palavra. E para tanto, começemos a análise tomando por base o Fator Tipo de Ditado. Em seguida, comentaremos as palavras que mais e que menos aplicam a regra da Epêntese Vocálica.

### **5.2.1. Tipo de Ditado**

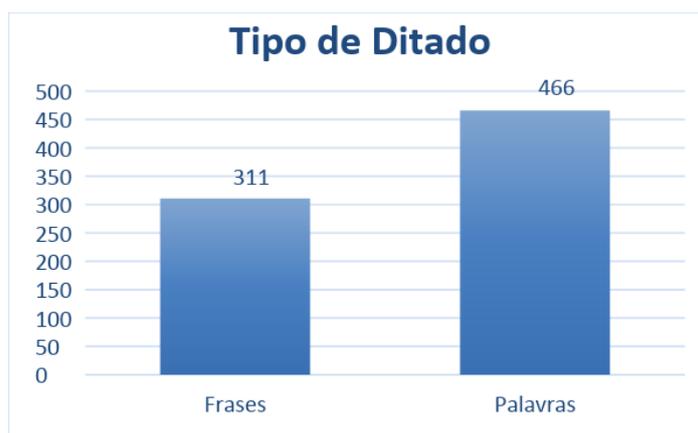
O fator tipo de ditado é bastante importante para verificarmos os processos variacionistas durante o momento de atenção/monitorados e de espontaneidade por parte dos sujeitos envolvidos nas pesquisas.

No gráfico 3, que segue, demonstramos a manifestação do epêntese vocálica nos quatro anos do ensino fundamental, levando em consideração os ambientes testados: monitorado (ditado de palavras) e espontâneo (ditado de frases).

---

<sup>3</sup> Geralmente as turmas escolares são nomeadas de acordo com a reprovação dos alunos. Aqueles que nunca reprovaram, pertencem a Turma A. Já aqueles que já tiveram reprovação, tendem a se afastar desta turma tida como ótima, ficando nas Turmas B, C, D, etc., a depender do quantitativo de alunos que aquela série possui matriculado.

**Gráfico 3 – Variável Tipo de Ditado no Processo de Epêntese Vocálica**

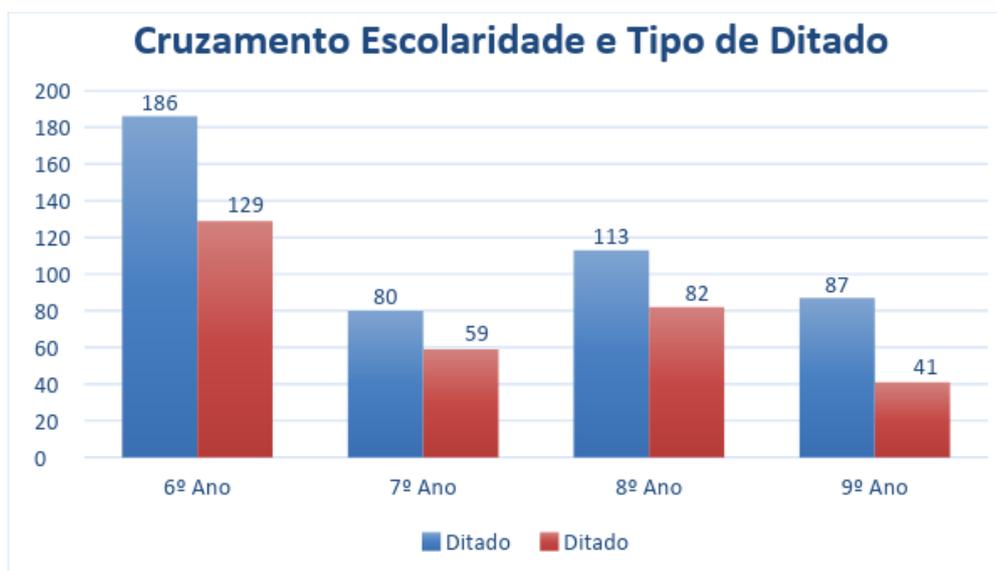


Fonte: *Corpus* desta pesquisa, 2017.

Diferentemente do esperado para este fator, observamos que ocorreu maior processo de inserção vocálica no treino ortográfico de palavras. Acreditamos que tal mudança tenha se dado pelo fato de durante a aplicação do ditado de palavras, os alunos tenham respeitado o momento de monitorado para se prenderem às suas bancas, sem olharem pro material dos demais colegas. Já durante a aplicação do ditado de frases, houve maior desprendimento por parte dos alunos, os quais olhavam e comentavam com os colegas acerca das frases que ali eram ditadas.

O gráfico que segue apresenta um cruzamento dos dados obtidos a partir dos fatores Ano de Escolaridade e Tipo de Ditado:

**Gráfico 4 – Cruzamento dos Fatores Anos de Escolaridade e Tipo de Ditado**



Fonte: *Corpus* desta pesquisa, 2017.

Como se pode observar no gráfico 4, há uma queda em todos os *anos de escolaridade* em relação ao fator *tipo de ditado*. E como comentado anteriormente, este fator não correspondeu à hipótese levantada, uma vez que aconteceu maior aplicação da regra de epêntese no ditado de palavras, momento em que acreditávamos haver maior controle do processo, devido ao fato de este ser o momento de maior concentração.

Vejamos na próxima sessão as palavras em que aconteceram maior e menor aplicação desta regra variável.

#### 5.4. Contextos motivadores à aplicação de Epênteses Vocálicas

Nesta seção, apresentaremos as palavras com maior e menor aplicação da regra variável de epêntese vocálica na pesquisa em questão. Aqui, esperávamos que as palavras mais usuais mantivessem a não aplicação da regra de epêntese. Ao passo que as palavras menos conhecidas tivessem um comportamento contrário, isto é, de maior aplicação da regra em estudo. Vejamos primeiramente o gráfico que contém maior aplicação do processo:

**Gráfico 5 – Palavras com maior aplicação da Regra de Epêntese**

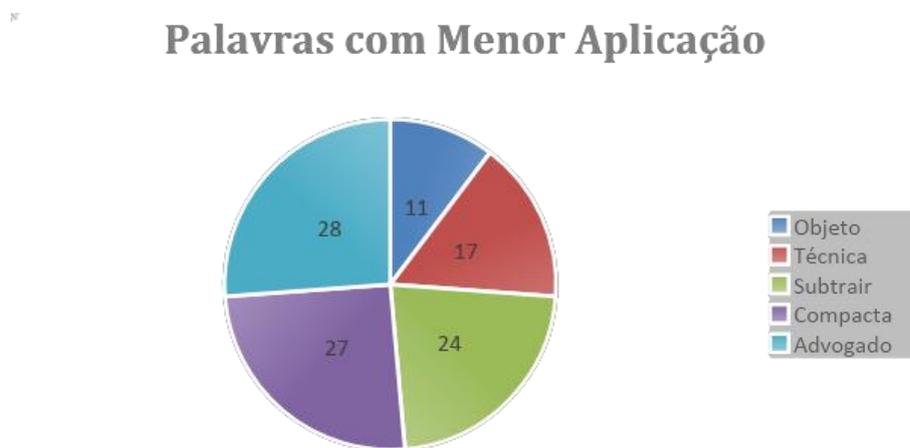


**Fonte:** *Corpus* desta pesquisa, 2017.

Consoante o gráfico acima, podemos constatar que as palavras *psicólogo*, *ritmo*, *rapto*, *capotou* e *obturar* são as que mais aplicaram a regra de epêntese. Acreditamos que os informantes tenham realizado mais o uso da regra de epêntese devido ao pouco

uso destas palavras em seu dia a dia. Vejamos o gráfico 6 com as palavras que menos aplicam a regra:

**Gráfico 6 – Palavras com menor aplicação da Regra de Epêntese**



Fonte: *Corpus* desta pesquisa, 2017.

Observando o gráfico anterior, encontramos as palavras *objeto*, *técnica*, *subtrair*, *compacta* e *advogado* como as que menos aplicam a regra em tela. Como se pode observar, estas são palavras comuns ao dia a dia, inclusive do cotidiano escolar. Por isso a menor aplicação.

Alguns estudos revelam (cf. COLLISCHONN, 2003, p. 22 e SCHWINDT et al, 2007) que a epêntese possui uma alta taxa de ocorrência na fala porque satisfaz condições/exigências da estrutura silábica da língua. E o aluno acaba levando para a linguagem escrita essa estrutura. Logo, quanto menor o conhecimento destas palavras, maior será a probabilidade de uso da regra variável em questão.

## 6. INTERVENÇÃO

Quando se constrói um projeto de intervenção, é de bom senso pensar sobre “o que o aluno pode compreender?” e “o que ele precisa memorizar?”. Nesse sentido, é válido retomar que quando o aluno está no período de aquisição da língua, ele poderá encontrar muitas dificuldades e, sendo assim, é importante que o professor ajude o aluno a superar, progressivamente, as questões de escrita para que o próprio perceba

que, em certos casos, não há regras e que é preciso memorizar a forma do sistema de signos.

É fundamental que o ensino em sala de aula seja conduzido por um bom projeto de intervenção que estimule o aluno a refletir e a discutir, para que ele possa construir, compreender e explicitar princípios. Uma sequência que leve em conta o ponto de vista do aluno, seu cotidiano para a construção de outros conhecimentos e que contribua para a interação e a cooperação. Para tanto, é importante que as atividades sejam realizadas em grupos e depois compartilhadas com o restante da turma, enriquecendo, assim, as possibilidades de trocas e de experiências.

Após esta breve explanação, passemos às atividades de intervenção:

### **Atividade 1**

O sistema de escrita dos alunos pode ser ensinado através de atividades lúdicas, envolvendo jogos. Esse tipo de atividade, que facilita a relação fonema e escrita, torna-se um atrativo para professores e alunos, tornando-se uma ótima ferramenta para introduzir na rotina da sala de aula. Além disso, quando essas atividades são interligadas com outros recursos e estratégias podem garantir mais facilmente a aprendizagem do aluno.

Então, podemos entender que os jogos são fundamentais para o desenvolvimento mental dos alunos, podendo descobrir novas experiências, adquirir novas habilidades e facilitar o raciocínio. Passemos à atividade:

Assunto: Epêntese Vocálica

Nível: Ensino Fundamental e médio

Tempo: 15-20 minutos

Recursos: Cópia da Caça Palavras e dicas

### **Caça Palavras (Dinâmica e jogos para aulas de Língua Portuguesa, 2017)**

Com uma proposta lúdica que faz o cérebro manter a atenção focada, trabalhando o raciocínio com mais agilidade, a cruzadinha traz algumas palavras com possíveis ocorrências da epêntese vocálica. As dicas dadas são definições das palavras a serem encontradas no caça palavras. O ideal é que os alunos joguem individualmente ou em duplas, em até dez minutos. Vale lembrar que esta atividade foi pensada para ser

aplicada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental até aqueles que estejam cursando o Ensino Médio.

Palavras:

- **Advogado** - pessoa habilitada a prestar assistência profissional em assunto jurídico, defendendo judicial ou extrajudicialmente os interesses do cliente;
- **Pneu** - gordura excessiva que se localiza na cintura;
- **Psicólogo** - indivíduo formado em psicologia e que a aplica no seu trabalho;
- **Técnica** - jeito, perícia em qualquer ação ou movimento;
- **Subtração** - operação que tem por objetivo, dados dois números, achar a quantidade pela qual um excede o outro; diminuição (Operação inversa da adição);
- **Ritmo** - padrão rítmico que define um gênero; balanço;
- **Apto** - que possui capacidade natural ou adquirida para realizar algo; idôneo, habilitado, capaz;
- **Opção** - aquilo por que se opta; uma de duas ou mais possibilidades pelas quais se pode optar; alternativa;
- **Objeto** - artigo, mercadoria, peça;
- **Rapto** - retirada de pessoa, de local em que se encontra para outro, mediante o uso da violência, ameaça, fraude ou engano;
- **Intelectual** - que ou aquele que demonstra gosto e interesse pronunciados pelas coisas da cultura, da literatura, das artes etc;
- **Obter** - Alcançar; conseguir aquilo que se deseja
- **Captou** - apanhou, aproveitou, atraiu, desviou, dominou, ganhou;
- **Compacta** - que tem as suas partes componentes muito unidas; comprimido; que é condensado;
- **Obturar** - tapar ou encher (a cavidade de um dente cariado) com uma substância adequada.

## Atividade 2

Nesta atividade, propomos trabalhar com as palavras cruzadas, que possuem vários subsídios importantes que colaboram no desenvolvimento do pensamento, da linguagem, da ortografia, e na aprendizagem do significado das palavras e no estímulo cognitivo.

Na resolução das palavras cruzadas, os alunos tentam lembrar a palavra que preenche determinadas lacunas, e exercitam a memória de longa duração e, paralelo a isso, criam um novo vocabulário e amplia a capacidade de reter novas informações.

Assunto: Epêntese Vocálica

Nível: Principalmente ensino fundamental

Tempo: 15-20 minutos

Recursos: Cópia da cruzadinha e dicas

### **Cruzadinha (Dinâmica e jogos para aulas de Língua Portuguesa, 2017)**

De uma maneira divertida e descontraída, esse jogo põe a mente dos alunos para mostrar aquilo que aprenderam em aula. Desenvolvendo habilidades e a estimulação da memória, a cruzadinha aqui sugerida consiste no trabalho com o fenômeno epentético.

A utilização da cruzadinha cria um desafio mental em que o aluno concilia as aulas ao jogo. Favorecendo uma revisão dinâmica. O ideal é trabalhar individualmente com essa atividade em até 15 minutos, pois assim o aluno terá uma menor concentração.

### **Atividade 3**

Neste Bingo Fonoarticulatório, o aluno poderá trabalhar a Consciência fonológica que é a capacidade de segmentar, conscientemente, as palavras em suas menores unidades, em sílabas e em fonemas na relação entre som/letra e letra/som. Além disso, está em jogo a melhora nas habilidades como: memória verbal, capacidade de entender as regras gramaticais e utilização adequada da linguagem.

Assunto: Epêntese Vocálica

Nível: Fundamental

Tempo: 30- 50 minutos

Recursos: Cartelas divididas em seis com as letras escritas nos quadradinhos; Fotos das crianças da turma falando cada fonema. (também é possível encontrar as figuras já prontas na internet); Feijões ou outro marcador.

**Bingo Fonoarticulatório** (<http://educacrianca.com.br/jogos-de-consciencia-fonologica>- acesso em 29-07-18)

**Objetivos:** relação entre som/letra, letra/som. Cada criança ganha uma cartela com as letras e os feijões para poder marcar a cartela. A professora, ou outra criança, retira uma cartela com a foto de um fonema por vez e mostra aos outros. As crianças devem procurar entre as letras de sua cartela se alguma representa o mesmo fonema da foto. Se sim, ela coloca o feijão para marcar. Quando todas as palavras da cartela forem marcadas a criança grita bingo e assim ganha o jogo.

Por motivo de falta de tempo essas atividades não puderam ser testadas nesta pesquisa. Assim, deixamos a cabo dos professores a sua realização e respectiva verificação da testagem.

Como falado no início desta sessão, propusemos atividades lúdicas que envolvam questões que visem facilitar o entendimento da sílaba e de suas estruturas.

Alertamos que, para o início das intervenções, o professor deverá levar em consideração os conhecimentos dos alunos em torno do fenômeno epêntico e, nesse sentido, propor atividades desafiadoras que levem o aluno a refletir sobre a língua; bem como aquelas que oportunizem práticas de leitura, escrita e oralidade e que estejam relacionadas a uma função social de comunicação e não somente a apropriação do código linguístico.

Neste contexto é possível ensinar o sistema de escrita através de atividades motivadoras que envolvam jogos. Estes jogos têm, em uma de suas funções, uma função lúdica e educativa e com isso acabam por facilitar a aprendizagem do aluno. E quando diz respeito aos jogos silábicos, esses acabam por estreitar ainda mais a relação entre fonema, escrita e as figuras, se tornando um grande atrativo e favorecendo ao letramento.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo principal desta pesquisa foi o de analisar, a partir de dois ditados, a influência da fala na escrita. Utilizamos para isso um ditado de palavras e um ditado de frases, com palavras previamente selecionadas, produzidos por alunos do 6º ao 9º ano, com idades entre 10 e 17 anos da Escola Estadual Cônego Rochaél de Medeiros, em Recife-PE.

Os dados levantados foram classificados em duas categorias: o uso ou não da epêntese. Para tanto, tomamos por base dois tipos de Fatores: o social e o linguístico. No social, observamos o contexto *Anos de Escolaridade*; já no linguístico, *Tipos de Ditado* e *Contextos Motivadores ao Processo de Epêntese Vocálica*. E chegamos às seguintes conclusões:

- a. Anos de Escolaridade: confirmamos a nossa hipótese inicial de que quanto maior a escolaridade, menor será a aplicação da regra de epêntese;
- b. Tipos de Ditado: aqui não corroboram a nossa hipótese, uma vez que no ditado de palavras foi onde mais se deu o uso da regra de epêntese, muito

embora acreditemos que o momento de aplicação do ditado de frases tenha propiciado a não aplicação, devido a interação que aconteceu entre os informantes;

- c. Contextos Motivadores ao Processo de Epêntese Vocálica: confirmamos a nossa hipótese aqui também, já que o processo em questão se deu, de fato, nas palavras com menor uso por parte dos alunos. Mantendo o padrão silábico nas palavras em que estes usam com maior frequência.

Assim, a partir da análise desses dados realizamos as devidas comparações e reflexões sobre os resultados alcançados. Observamos como o fenômeno da epêntese vocálica ocorre na escrita e buscamos explicar sua origem, analisando suas variáveis (linguísticas e sociais) estão mais intrinsecamente ligadas à realização deste processo e constatamos a diminuição na ocorrência deste fenômeno.

Pudemos constatar que, embora haja influência da oralidade na escrita inicial ortográfica, há uma diminuição dos desvios na medida em que os anos avançam, hipótese primeira da nossa pesquisa!

Isto mostra que não podemos deixar de considerar o efeito positivo da escolarização em relação às formas ortográficas padronizadas. O aluno leva em consideração seu conhecimento cotidiano advindo de suas práticas orais e, conseqüentemente os utiliza como hipóteses na escrita. Então, quando suas experiências aumentam, suas hipóteses também se reformulam, aumentando o estreitamento entorno das formas preconizadas pela escola.

Por isso, não podemos deixar de lado, na hora de avaliar o aluno, a capacidade ativa no seu processo de aprendizagem e explorar ao máximo o seu potencial. Em relação à intervenção o interesse é que qualquer professor que tenha em seu alunado a ocorrência da Epêntese Vocálica possa utilizar dessas e de outras atividades para que as ocorrências sejam minimizadas ou até mesmo sanadas.

## **8. REFERÊNCIAS**

ALVES, U. K. **A Epêntese Vocálica na Aquisição das Plosivas Finais do Inglês (L2): tratamento pela OT Estocástica e pela gramática harmônica. II SIS-VOGAIS: Universidade Católica de Pelotas, 2009.**

- BAGNO, M. A Inevitável Travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. *In*: BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2002.
- BRITO, A. E. **Prática Pedagógica Alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural**. Revista Iberoamericana de Educación. Nº 44, p. 4 - 10, novembro de 2007.
- CAGLIARI, L.C. **Consoantes Epentéticas em Português**. DELTA. V. 14, 1998.
- CAMARA Jr, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- COLLISCHONN, G. **Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil**. Signum: Estud. Ling., Londrina, n. 7/1, p. 61-78, jun. 2004.
- COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia**. Livraria Clássica Editora, 8ª edição.
- ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville-SC: UNIVILLE, 2004.
- SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2003.
- SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C. A. **A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931.
- SILVA, Solimar / COSTA, Sara. **Dinâmicas e Jogos Para Aulas de Língua Portuguesa**. Vozes, 2017.